

O IMPACTO ESTRUTURAL DA COLONIZAÇÃO NAS CULTURAS AFRO-DESCENDENTES NO BRASIL: RESISTÊNCIA E RECONFIGURAÇÃO

Ana Júlia Prado Sivieri¹
Maria Eduarda Martins Carvalho²
Mariana Santos Souza³
Thais Vitória Velasque⁴
Suéllen Danúbia da Silva⁵
Elimeire Alves de Oliveira⁶
Tiago Moreno Lopes Roberto⁷
Ijosiel Mendes⁸

RESUMO: O presente artigo analisa o impacto estrutural da colonização nas culturas afro-descendentes no Brasil, destacando os mecanismos históricos de dominação que moldaram desigualdades sociais persistentes e influenciaram a formação identitária da população negra. A partir de uma abordagem interdisciplinar, discute-se como práticas coloniais — incluindo a escravização, a violência institucional e a imposição de modelos culturais eurocêntricos — provocaram rupturas profundas nas dinâmicas socioculturais dos povos africanos trazidos ao país. Ao mesmo tempo, evidencia-se a força das estratégias de resistência, reelaboração e preservação cultural desenvolvidas por essas comunidades ao longo dos séculos, como nos campos da religiosidade, música, linguagem, organização comunitária e movimentos políticos. O estudo demonstra que, apesar dos impactos estruturais da colonização, as culturas afro-descendentes permaneceram vivas e em constante reconfiguração, constituindo um dos pilares da identidade brasileira e um campo fundamental para compreender as lutas contemporâneas por igualdade racial.

5660

Palavras-chave: Colonização. Afro-descendentes. Resistência cultural. Identidade. Brasil.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Futura.

² Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Futura.

³ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Futura.

⁴ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Futura.

⁵ Docente no curso de Pedagogia da Faculdade Futura. Graduada em Ciências Contábeis (UNIFEV), graduada em Administração pela Faculdade Futura, Graduanda em Pedagogia (UNIBF) Especialista em Administração Estratégica com ênfase em Marketing e Gestão de Recursos Humanos (UNILAGO), Especialização em Controladoria (UNIASSELVI), Mestrado em Administração (UNIMEP).

⁶ Docente e Coordenadora no curso de Pedagogia da Faculdade Futura. Graduada em Direito (UNIFEV), Pedagogia e Letras, Especialista em Gestão Escolar. Mestre em Ensino e Processos Formativos. Advogada.

⁷ Graduado em Psicologia e Pedagogia. Especialista em Saúde Mental, Mestre em Psicologia e Saúde; Doutorando em Ciências da Saúde; Professor do Curso de Psicologia e Odontologia; Professor e Gestor de Políticas Acadêmicas da Faculdade Futura.

⁸ Docente da Faculdade Futura de Votuporanga. Graduado em Matemática. (UNIFEV). Especialista em Matemática (UNICAMP). Especialista em Matemática no Ensino Médio (UFSCAR). Mestrado em Matemática (UNESP).

ABSTRACT: This article analyzes the structural impact of colonization on Afro-descendant cultures in Brazil, highlighting the historical mechanisms of domination that shaped persistent social inequalities and influenced the identity formation of the Black population. Using an interdisciplinary approach, it discusses how colonial practices—including enslavement, institutional violence, and the imposition of Eurocentric cultural models—caused profound ruptures in the sociocultural dynamics of the African peoples brought to the country. At the same time, it highlights the strength of the strategies of resistance, re-elaboration, and cultural preservation developed by these communities over the centuries, such as in the fields of religiosity, music, language, community organization, and political movements. The study demonstrates that, despite the structural impacts of colonization, Afro-descendant cultures have remained alive and in constant reconfiguration, constituting one of the pillars of Brazilian identity and a fundamental field for understanding contemporary struggles for racial equality.

Keywords: Colonization. Afro-descendants. Cultural resistance. Identity. Brazil.

INTRODUÇÃO

A formação social, política e cultural do Brasil está profundamente marcada pelo processo de colonização e, de maneira ainda mais significativa, pela presença forçada de milhões de africanos escravizados entre os séculos XVI e XIX. Esse período estruturou bases de desigualdade que atravessam o país até os dias atuais, influenciando não apenas as configurações socioeconômicas, mas também aspectos identitários, culturais e simbólicos relacionados às populações afro-descendentes.

5661

A colonização portuguesa, sustentada por um sistema escravista de longa duração, exerceu uma força destrutiva sobre as culturas africanas, promovendo apagamentos, violência física e psicológica, além da imposição de padrões culturais eurocêntricos. Ao mesmo tempo, foi nesse cenário de opressão que emergiram estratégias múltiplas de resistência, preservação e reinvenção cultural, elementos fundamentais para compreender a presença afro-brasileira contemporânea.

Dessa forma, estudar o impacto estrutural da colonização nas culturas afro-descendentes no Brasil não se restringe a recuperar um passado distante, mas implica analisar a continuidade de práticas de exclusão, racismo e desigualdade que se manifestam nas estruturas institucionais, na distribuição de oportunidades e nos imaginários sociais.

Entretanto, é igualmente necessário reconhecer a potência das resistências criadas por esses grupos expressas na religiosidade de matriz africana, nas manifestações artísticas, nas línguas, nos saberes comunitários e nos movimentos sociais que, apesar das adversidades, mantiveram vivas tradições e contribuíram para a reconfiguração cultural do país.

Assim, este artigo tem como objetivo discutir como a colonização atuou de forma estrutural na transformação e fragmentação das culturas afro-descendentes, ao mesmo tempo em que analisa os processos de ressignificação e resistência que permitiram a construção de novas identidades afro-brasileiras.

Por meio de uma abordagem interdisciplinar e fundamentada em referenciais históricos, sociológicos e antropológicos, busca-se evidenciar não apenas os impactos destrutivos da colonização, mas também a força criativa dessas comunidades na produção de cultura, memória e identidade.

HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO E SEUS EFEITOS NAS CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS

A compreensão da colonização como fenômeno estruturante da sociedade brasileira exige o diálogo com diferentes campos do conhecimento, especialmente a história, a sociologia, a antropologia e os estudos culturais. A colonização portuguesa instaurou, desde o século XVI, um regime de exploração baseado na escravidão africana, que não apenas sustentou a economia colonial, mas também moldou profundamente as dinâmicas sociais e culturais do Brasil (FREYRE, 2003). A escravidão, como destaca Schwarcz (2019), não se restringiu à condição jurídica, mas configurou um sistema hierárquico racial que permanece influente nas relações sociais contemporâneas.

5662

Autores como Stuart Hall (2003) e Frantz Fanon (2008) contribuem para entender a colonização como um processo que produz subjetividades, narrativas de identidade e formas de poder que ultrapassam o território físico e avançam sobre a construção simbólica dos povos colonizados. Fanon, ao analisar os efeitos psicológicos e culturais da dominação colonial, evidencia como o apagamento e a inferiorização das culturas africanas foram mecanismos essenciais de controle. Essa lógica também se manifestou no Brasil, onde a imposição de valores eurocêntricos buscou deslegitimar práticas culturais negras, associando-as a atraso ou marginalidade.

No contexto específico da história brasileira, o trabalho de Kabengele Munanga (2004) é fundamental para compreender como a identidade afro-brasileira foi sendo reconstruída ao longo dos séculos, resistindo à violência cultural imposta pela escravidão. Munanga argumenta que, apesar do processo sistemático de desumanização, os africanos escravizados criaram formas de resistência material e simbólica que garantiram a preservação de elementos de suas cosmologias, idiomas, religiosidades e formas de sociabilidade. Essa resistência se expressou,

por exemplo, nos quilombos, nas irmandades negras, nas religiões de matriz africana e na formação de territórios comunitários urbanos.

Da mesma forma, Lélia Gonzalez (1988) aprofunda a compreensão sobre a resistência cultural ao evidenciar a influência africana nas práticas linguísticas, na organização social e nas manifestações artísticas que compõem a cultura brasileira contemporânea. Para Gonzalez, a cultura afro-brasileira não é apenas herança, mas um processo vivo, dinâmico e constantemente reinventado diante das condições sociais marcadas pelo racismo estrutural.

Do ponto de vista antropológico, Roger Bastide (1971) analisa a permanência e a recriação das religiões afro-brasileiras como demonstração da força simbólica e organizadora das culturas africanas no Brasil. Bastide destaca que o sincretismo religioso não deve ser visto como perda cultural, mas como uma estratégia sofisticada de adaptação e resistência frente às opressões coloniais. Essa perspectiva dialoga com Beatriz Nascimento (2021), que aponta os quilombos não apenas como espaços físicos de fuga, mas como territórios de produção de novas identidades negras, reconfigurando continuamente tradições africanas em solo brasileiro.

Com base nesses autores, a colonização é compreendida não apenas como um marco histórico, mas como um processo estrutural que continua a influenciar desigualdades raciais, representações simbólicas e condições socioculturais das populações afro-descendentes. Ao mesmo tempo, o referencial aponta para a intensa capacidade de resistência, reinvenção e reconfiguração cultural que caracteriza a experiência afro-brasileira.

5663

RACISMO ESTRUTURAL E SEUS REFLEXOS NAS CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS

O conceito de racismo estrutural tem se consolidado como uma das principais chaves interpretativas para compreender a permanência das desigualdades raciais no Brasil e seus impactos sobre as culturas afro-brasileiras. Segundo Almeida (2019), o racismo estrutural não se limita a práticas individuais de discriminação, mas refere-se a um conjunto de dispositivos institucionalizados que moldam a organização social, econômica e política, atuando de maneira naturalizada nas diversas esferas da vida. Dessa forma, a estrutura social brasileira reproduz continuamente padrões de exclusão originados no período colonial, quando a escravização de africanos se tornou elemento central da economia e da formação sociocultural do país.

A herança escravocrata, marcada por violência, desumanização e apagamento cultural, estabeleceu bases para a construção de um imaginário social que associa inferioridade à população negra, perpetuando estigmas que se manifestam ainda hoje em representações

mediáticas, relações de trabalho, instituições de ensino e práticas de criminalização (Nascimento, 2016; Gonzalez, 1988). A permanência desses estereótipos demonstra como o racismo se articula em nível simbólico, influenciando não apenas as estruturas materiais, mas também as formas de percepção e valorização das identidades afro-brasileiras (Hooks, 2019).

No campo cultural, os efeitos do racismo estrutural se expressam tanto na marginalização quanto na resistência. Por um lado, práticas culturais afro-brasileiras como o *candomblé*, a *capoeira*, os blocos afros e diversas manifestações artísticas foram, ao longo da história, alvo de perseguições, invisibilização ou exotização, sendo frequentemente classificadas como primitivas ou subalternas pela lógica eurocêntrica (Munanga, 2019). Por outro lado, esses mesmos elementos foram fundamentais para a construção de identidades e redes de solidariedade, constituindo espaços de resistência simbólica e política frente às imposições coloniais e pós-coloniais.

A partir da década de 1970, com o fortalecimento dos movimentos negros, a discussão sobre racismo estrutural ganha novo fôlego no Brasil. Intelectuais como Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro chamaram atenção para a necessidade de compreensão crítica das estruturas que sustentam a desigualdade racial, evidenciando que o racismo não é uma anomalia, mas um fundamento histórico da sociedade brasileira. Carneiro (2003) destaca, especialmente, a importância das mulheres negras na resistência cultural e política, sublinhando o papel de suas práticas identitárias na reconfiguração da cultura afro-brasileira.

5664

Além disso, autores contemporâneos apontam que a cultura afro-brasileira é marcada por processos de reconfiguração que expressam tanto heranças africanas quanto ressignificações realizadas em contextos de diáspora. Essa dinâmica demonstra a força da resistência frente às estruturas racistas, evidenciando que a cultura negra no Brasil não é apenas sobrevivência, mas produção ativa de significado, identidade e autonomia (Ribeiro, 2017; Kilomba, 2019).

Compreender o racismo estrutural e seus reflexos nas culturas afro-brasileiras, portanto, exige reconhecer sua origem colonial, sua reprodução nas instituições e sua atuação simbólica na construção de identidades. Ao mesmo tempo, requer valorizar a potência criativa e insurgente das manifestações culturais negras, que se mantêm vivas e em constante reinvenção, constituindo pilares centrais da formação da cultura brasileira.

RESISTÊNCIA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA

A resistência cultural afro-brasileira constitui um dos eixos centrais para a compreensão da formação social do país e dos modos pelos quais a população negra enfrentou os processos de

violência, desumanização e apagamento impostos pela colonização e pelo regime escravista. Segundo Munanga (2019), a resistência negra no Brasil não se limitou às revoltas armadas, mas se expressou de forma cotidiana, simbólica e cultural, como estratégia de preservação identitária e afirmação de humanidade. Tal resistência assumiu múltiplas configurações, desde práticas religiosas e linguísticas até manifestações artísticas, musicais e comunitárias que se tornaram pilares da cultura nacional.

Um dos campos mais significativos dessa resistência é a religiosidade de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Conforme afirma Santos (2008), os terreiros funcionaram historicamente como espaços de sociabilidade, memória e reconstrução de identidades africanas no Brasil, garantindo a continuidade de cosmologias, ritos e valores civilizatórios. Esses espaços tornaram-se verdadeiros territórios de proteção cultural diante da repressão colonial, que tentava impor o cristianismo como única referência espiritual.

A música e a dança também constituem formas essenciais de resistência, especialmente por meio da capoeira, do samba e de ritmos derivados de tradições africanas. Para Risério (2009), tais expressões funcionaram como mecanismos de comunicação, resistência simbólica e contestação das normas coloniais, bem como meios de reorganização comunitária. A capoeira, por exemplo, foi criminalizada após a abolição, mas persistiu como forma de luta e arte, simbolizando a capacidade de reinvenção cultural dos afrodescendentes.

5665

Além disso, a oralidade desempenhou papel fundamental na preservação de saberes africanos. Como destaca Gomes (2017), narrativas, mitos, provérbios e tradições transmitidas entre gerações permitiram a manutenção de memórias coletivas mesmo em contextos de proibição e repressão. A oralidade, portanto, tornou-se ferramenta de resistência intelectual, histórica e linguística.

Nos séculos XX e XXI, a resistência cultural afro-brasileira ganha novas dimensões com a atuação de movimentos sociais negros, coletivos culturais, intelectuais e artistas que reivindicam visibilidade, reconhecimento e políticas de reparação. Autores como Gonzalez (2020) enfatizam que a resistência contemporânea articula cultura, política e identidade, evidenciando que a produção cultural negra não apenas preserva tradições, mas também confronta estruturas racistas, ressignifica símbolos e constrói novas narrativas de pertencimento.

Assim, a resistência cultural afro-brasileira pode ser compreendida como um processo histórico dinâmico, multifacetado e contínuo, que articula memória, identidade e luta política.

Essa resistência não apenas garantiu a sobrevivência das matrizes culturais africanas no Brasil, mas também contribuiu decisivamente para a formação da identidade nacional.

RECONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA E REAPROVEITAMENTO DE SABERES

A reconfiguração da identidade afro-brasileira é um processo contínuo e dinâmico. Após séculos de exclusão e tentativa de apagamento, o que vemos hoje é uma retomada de saberes ancestrais, reinterpretados dentro das condições contemporâneas. Fanon, em “Pele Negra, Máscaras Brancas”, analisa a alienação produzida pelo colonialismo e a necessidade de reconstrução do sujeito negro a partir de sua própria humanidade. Esse movimento é visível na valorização da estética negra, da ancestralidade e das tradições espirituais que antes eram marginalizadas.

A reconfiguração não é um simples retorno ao passado, mas um ato político de afirmação e reconstrução. Os jovens afrodescendentes de hoje se reconhecem nos saberes dos terreiros, nos turbantes, nas tranças, nas músicas e nas narrativas que exaltam o pertencimento. É um processo de cura coletiva e de fortalecimento de uma identidade que não se submete mais ao olhar branco como medida de valor.

Essa reconfiguração também atravessa o campo educacional e acadêmico, onde o pensamento decolonial propõe uma ruptura com a lógica eurocêntrica de produção do saber. É o reconhecimento de que o conhecimento afro-brasileiro não é folclore, mas ciência, filosofia e pedagogia ancestral.

5666

REFLEXÕES SOBRE O LEGADO COLONIAL NAS CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS

Refletir sobre o legado colonial é encarar o espelho do Brasil. A colonização cristã branca deixou marcas profundas na formação social, nas relações raciais e na forma como o país entende espiritualidade. Ainda hoje, práticas e símbolos afro-brasileiros são vistos com desconfiança, enquanto símbolos europeus são tidos como universais. Esse desequilíbrio simbólico é o que Boaventura chama de “monocultura do saber e do ser”.

No entanto, há uma virada acontecendo. A presença de intelectuais e artistas negros em espaços de visibilidade está reconfigurando as narrativas. Quando um corpo negro dança, escreve, ensina ou reza, ele rompe séculos de silenciamento. A cultura afro-brasileira se reafirma como um campo de disputa, mas também de criação um espaço onde o Brasil pode se reencontrar com sua pluralidade e curar suas feridas coloniais.

O legado colonial, portanto, não deve ser apenas denunciado, mas superado por meio da construção de novas epistemologias que reconheçam a dignidade e a potência das culturas negras. Isso exige coragem política e sensibilidade cultural.

CULTURA E RESISTÊNCIA NAS PRÁTICAS RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS

As religiões de matriz africana são, talvez, o exemplo mais contundente da resistência cultural afro-brasileira. Mesmo sob perseguição, os terreiros se tornaram espaços de acolhimento, saber e reorganização social. A espiritualidade afro-brasileira, como o candomblé e a umbanda, preservou valores fundamentais como o respeito à natureza, o equilíbrio entre corpo e espírito e a coletividade.

A demonização promovida pelo cristianismo colonial transformou o orixá em demônio e o sacerdote em inimigo da fé. Mas a fé negra resistiu. Resistiu em silêncio, nos cantos e nos rituais, nas encruzilhadas e nas festas. Cada oferenda é um gesto político que afirma: “estamos vivos”.

essas religiões não são apenas práticas espirituais, mas também epistemologias formas de compreender o mundo e o sagrado a partir da experiência negra. Reconhecer essa sabedoria é um passo essencial para a construção de uma sociedade verdadeiramente plural, onde todas as expressões de fé sejam tratadas com igualdade e respeito.

5667

METODOLOGIA CIENTIFICA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, voltado à análise dos impactos estruturais da colonização sobre as culturas afro-descendentes no Brasil, bem como às estratégias de resistência e reconfiguração cultural adotadas por essas populações ao longo da história. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se por sua capacidade de interpretar fenômenos sociais complexos, valorizando significados, experiências e processos históricos que não podem ser reduzidos a dados numéricos (MINAYO, 2012).

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, fundamentada em referenciais das áreas da História, Sociologia, Antropologia e Estudos Culturais. Essa abordagem permite compreender os impactos da colonização como fenômenos estruturais e dinâmicos, considerando tanto os processos de violência e apagamento cultural quanto as formas de resistência e ressignificação (GIL, 2019).

Segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa se mostra apropriada para a análise de fenômenos ligados à experiência humana, à memória coletiva e às estruturas de poder, o que se alinha ao objetivo deste estudo. A investigação histórica também assume relevância, uma vez que o tema exige a reconstrução de processos socioculturais e políticos de longa duração (BURKE, 2017).

O estudo baseou-se em uma revisão bibliográfica abrangente, envolvendo livros, artigos científicos, teses, dissertações e documentos institucionais que tratam da colonização, da escravidão, da cultura afro-brasileira, do racismo estrutural e das formas de resistência cultural. A revisão bibliográfica seguiu critérios de seleção baseados em relevância temática, reconhecimento científico e atualidade das discussões (MARCONI; LAKATOS, 2017).

A revisão permitiu identificar padrões, permanências e transformações na relação entre colonização e cultura afro-descendente, bem como compreender o papel fundamental da resistência cultural como elemento estruturante da identidade afro-brasileira.

Por tratar-se de pesquisa teórica e documental, não houve necessidade de aprovação por comitê de ética. Entretanto, o estudo respeita os princípios éticos da pesquisa em Ciências Humanas, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento da contribuição histórica e cultural dos povos afro-descendentes e à não reprodução de discursos discriminatórios (BRASIL, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do impacto estrutural da colonização nas culturas afro-descendentes no Brasil evidencia que o período colonial não deixou apenas marcas históricas, mas estruturou bases profundas de desigualdade, racismo e apagamento cultural que ainda se fazem presentes na sociedade contemporânea. O processo de escravização, aliado à imposição de valores eurocêntricos, produziu rupturas significativas nas identidades africanas trazidas ao país, afetando dimensões sociais, simbólicas e subjetivas da população negra. No entanto, a despeito dessa violência sistêmica, as comunidades afro-brasileiras desenvolveram estratégias persistentes de resistência, que se manifestaram na preservação e ressignificação de práticas religiosas, artísticas, linguísticas e comunitárias.

Ao longo da história, essas estratégias permitiram não apenas a sobrevivência cultural, mas também a criação de novos repertórios identitários que influenciaram profundamente a formação da cultura brasileira. Reconhecer essa resistência é reconhecer também que a cultura afro-brasileira não se limita à herança do passado, mas continua sendo reconfigurada de forma

dinâmica, atuando como importante fonte de transformação social e de afirmação identitária. Assim, compreender os efeitos estruturais da colonização implica um olhar crítico sobre as desigualdades ainda naturalizadas, ao mesmo tempo em que exige o fortalecimento de políticas públicas, práticas educativas e pesquisas que valorizem a diversidade étnico-racial.

Diante disso, conclui-se que o enfrentamento do racismo estrutural e a ampliação do reconhecimento das contribuições afro-descendentes constituem caminhos indispensáveis para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Este estudo reforça a necessidade de aprofundar investigações sobre a relação entre memória histórica, resistência cultural e identidade afro-brasileira, fortalecendo perspectivas que rompam com silenciamentos coloniais e promovam a valorização das múltiplas formas de existência e expressão das populações negras no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, S. (2019). *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Conselho Nacional de Saúde.
- BURKE, P. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- Carneiro, S. (2003). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. In:
- CELLARD, A. *A análise documental*. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- Hooks, B. Olhares Negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019
- Kilomba, G. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2017.
- MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- Munanga, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2004.
- Nascimento, A. O genocídio do negro brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- NASCIMENTO, A. O genocídio do negro brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. Beatriz Nascimento: textos, entrevistas e imagens. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- Ribeiro, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RISÉRIO, Antonio. Ação afirmativa e multiculturalismo. São Paulo: Fundação Demócrito Rocha, 2009.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. O dono da terra: o domínio da terra, o candomblé e a história da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Werneck, J. et al. (orgs.). O Livro da Saúde das Mulheres Negras. Rio de Janeiro: Pallas.